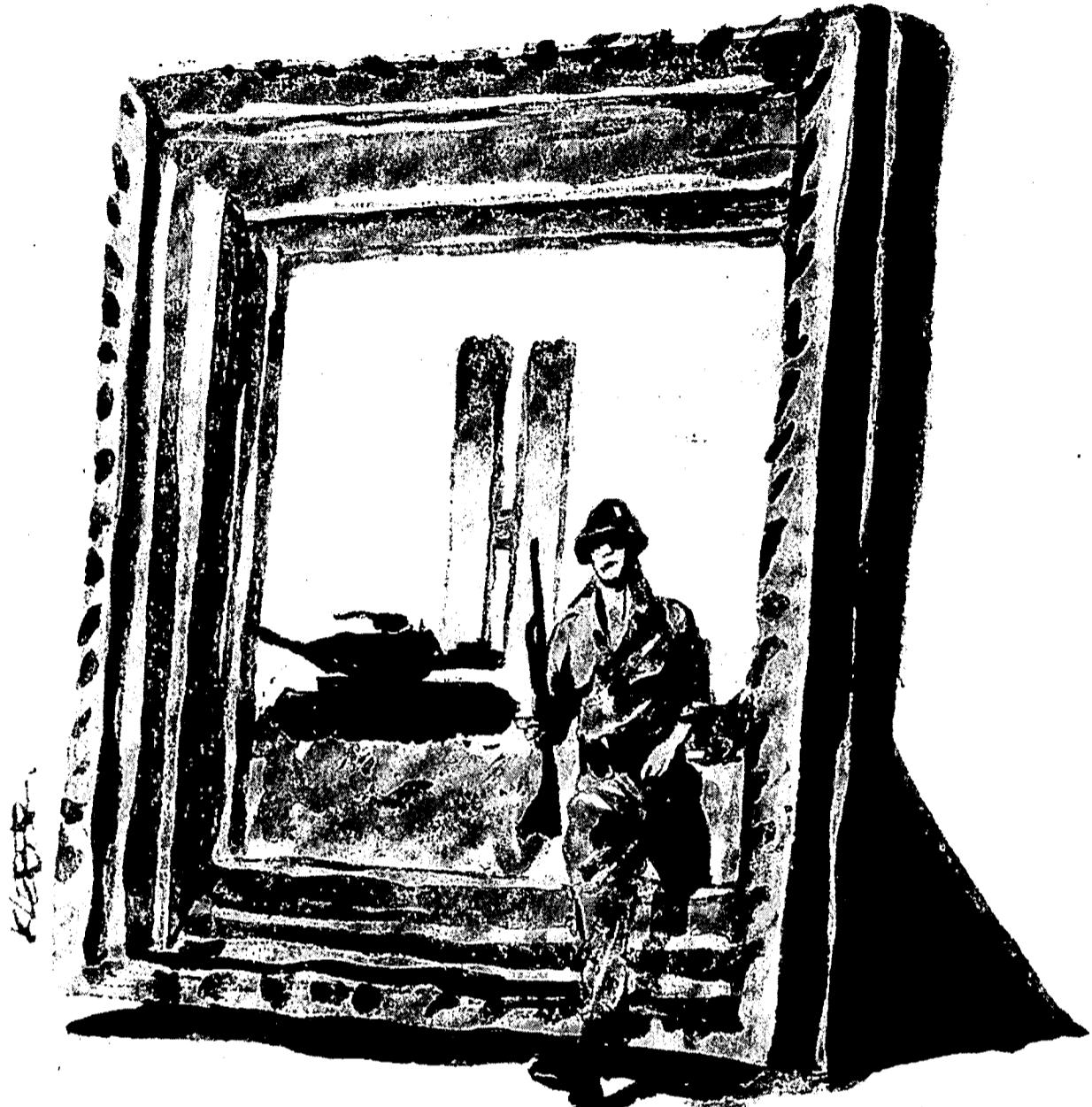


Outra cidade

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista



P.17

Nº 18.569

Em 1964, Brasília não tinha nenhuma semelhança com a cidade que existe hoje. Talvez o único ponto em comum seja o *Correio Braziliense*, que já funcionava no Setor Gráfico, em prédio bem menor, cercado por matagal de impor respeito. Nos fundos, havia um botequim que saciava fome e sede do pessoal. Trânsito, quase não havia. O Congresso funcionava na capital, também o Supremo Tribunal Federal. Mas o governo era dividido. A maior parte continuava no Rio de Janeiro.

A capital já havia vivido sua primeira grande crise política. Jânio Quadros renunciou, de repente, ao cargo de presidente da República, em 25 de agosto de 1961. Arrumou as malas e foi para a Base Aérea de São Paulo, na vã esperança de que o povo fosse até resgatá-lo para impor um governo forte ao país. O povo não apareceu e ele embarcou em navio, no porto de Santos, para a Inglaterra. Ao se despedir, lançou sua maldição: "Brasília é uma cidade malsinada".

Havia enorme má vontade nacional com a cidade, obra de Juscelino Kubitschek. O movimento para retornar a capital para o Rio de Janeiro era uma realidade. As confusões políticas alimentavam os desejos de quem não gostava de viver no Planalto Central. Vale a pena lembrar que não havia rede nacional de televisão naquele tempo. Em termos de comunicação, as cidades eram isoladas. Toda a programação era local.

Telefone celular não era nem projeto. Nem sonho. O Brasil era provinciano. A indústria automobilística nacional produzia carros como o Fusca, a Kombi, o DKW, o

Gordini. Veículos precários se comparados aos atuais. A grande exportação nacional continuava a ser o café. Naquela época, começaram as primeiras experiências com plantio de soja em áreas mais frias no sul do país. O Brasil estava se mexendo dentro dos estreitos limites oferecidos pela Guerra Fria.

Fidel Castro tomou o poder em Cuba jurando não ser comunista. Depois, rasgou a fantasia. Os soviéticos tinham a bomba atômica e mísseis capazes de atingir os Estados Unidos. O governo de Washington mantinha enormes jatos intercontinentais voando ao redor da União Soviética, capazes de arrasar o país em questão de minutos. Nas principais cidades norte-americanas, existiam *shelter areas*, subterrâneos destinados a esconder a população em caso de ataque nuclear.

Foi nesse cenário de confronto pesado entre leste e oeste que Jânio Quadros renunciou no exato momento em que seu vice estava em visita oficial à China, de Mao Tsé-Tung. Era, na época, uma apostasia. Jango fez longo percurso para chegar ao Brasil, enquanto difíceis negociações eram realizadas aqui. Civis, entre eles Tancredo Neves, e militares, entre eles, Ernesto Geisel, acertavam as bases da posse do vice-presidente da República. Encontraram a fórmula do parlamentarismo. Tancredo Neves virou primeiro-ministro.

O plebiscito, depois, entregou o poder ao gaúcho. É neste momento que começa o martírio de João Belchior Marques Goulart, o Jango. Ele nunca foi comunista. Era um fazendeiro rico, herdeiro do trabalhismo de

Getúlio, que gostava de farras. Sua bela mulher, Maria Teresa, viveu em Brasília e Madri. Jango passava a maior parte do tempo no Rio, fazendo política e visitando as boates da cidade. Mas criou instituições interessantes. A Eletrobrás é obra dele. E também o Conselho Administrativo de Defesa Econômica, o Cade, cujo primeiro diretor foi Mário Martins, pai de Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social no governo Lula.

Ele se envolveu com o movimento sindical, que tinha no seu Partido Trabalhista Brasileiro o principal representante no Congresso Nacional. As reivindicações eram semelhantes às atuais. Reforma agrária, reforma política e regulamentar a remessa de lucros. A mistura dos objetivos e dos meios para atingi-los influenciava na visão política do país. Essas pautas eram entendidas como ameaça comunista. Jango tinha bons índices de popularidade. Mas perdeu a classe média e, naturalmente, o empresariado. Teve a Igreja Católica contra. Mexeu com a regra básica dos militares: a hierarquia. Transgiu com inflação alta.

Tudo isso somado e multiplicado pela Guerra Fria resultou no 31 de março. Todos os políticos perderam. Não haveria eleições em 1965. E uma das únicas embaixadas já instaladas em Brasília, a da comunista Tchecoslováquia, recebeu um pilha de exilados. Depois vieram cassações, prisioneiros colocados no Teatro Nacional, que estava inacabado. O cenário político ficou mais pesado. Piorou em 1968. Mas essa é outra história.